

# A misericórdia como princípio inspirador do Magistério de Francisco e estruturante do Sacramento da Reconciliação para o teólogo Bernardino Leers

*Mercy as the inspiring principle of pope Francis' Magisterium and the structuring principle of the Sacrament of Reconciliation by theologian Bernardino Leers*

*Mário Marcelo Coelho*

## Resumo

A misericórdia precisa ser vivenciada na busca do “rosto de Deus” na vida, na história, na luta e no sonho dos filhos e filhas de Deus. Ela é encontrada, particularmente, na experiência do Sacramento da Reconciliação. A teologia de Bernardino Leers toca a essência da vida cristã. Conhecer algo desta sensibilidade se torna cada vez mais útil para mergulharmos em águas mais profundas, sobretudo na compreensão do Sacramento da Reconciliação. Neste texto buscou-se um diálogo entre o pensamento do Papa Francisco sobre o Deus da misericórdia, com a reflexão desenvolvida pelo teólogo Frei Bernardino Leers sobre o Sacramento da Reconciliação, lugar privilegiado do pecador experienciar a misericórdia de Deus. Refletir a verdadeira essência do Sacramento da Reconciliação é tocar naquilo que Deus é: “Deus é amor” (1Jo 4,8.16). A mais bela experiência humana é a do amor. A mais profunda e tocante certeza é a do amor de Deus por nós. A renovação da prática penitencial se enquadra na nova mentalidade eclesial, caracterizada pela capacidade de se mudar, de se transformar (a atitude clássica da *metanoia*) e pela elasticidade



criativa que, além da adaptação, projeta, experimenta e realiza formas de vida, novas e diversas.

**Palavras-chaves:** Misericórdia. Sacramento da Reconciliação. Perdão. Conversão.

## Abstract

Mercy needs to be experienced in the search for the “face of God” in the life, history, struggle and dreams of God’s sons and daughters. It is found particularly in the experience of the Sacrament of Reconciliation. Bernardino Leers’ theology touches the essence of the Christian life. Knowing something of this sensitivity becomes more and more useful to dive into deeper waters, especially in the understanding of the Sacrament of Reconciliation. In this text, Bernadino Leers developed a dialog between Pope Francis’ thoughts about the God of mercy and the Sacrament of Reconciliation, the privileged place for sinners to experience God’s mercy. To reflect on the true essence of the Sacrament of Reconciliation is to touch on what God is: “God is love” (1Jn 4:8, 16). The most beautiful human experience is that of love. The deepest and most touching certainty is God’s love for us. The renewal of penitential practice fits into the new ecclesial mentality. It’s characterized by the ability to change, to be transformed (the classic attitude of metanoia), and by creative elasticity that, beyond adaptation, projects, tests, and realizes new and diverse forms of life.

**Keywords:** Mercy. Sacrament of Reconciliation. Forgiveness. Conversion.

## Introdução

A grande tarefa da teologia cristã consiste em revelar às pessoas o verdadeiro “rosto de Deus” (Sl 27,8), tal como se revelou em Cristo Jesus. Esta é sempre a mais importante tarefa pastoral da Igreja, em todo o tempo e lugar. De igual modo, eis a grande tarefa para a Moral Cristã: buscar o ‘rosto de Deus.’<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> VIDAL, M., Nova moral fundamental, p. 23-24.



No Antigo Testamento, Deus mesmo se revela misericordioso e benevolente. Moisés intercede pelo povo, lembra a Deus de sua promessa e Lhe pede para ser piedoso e misericordioso: “mostra-me o teu rosto” (Ex 33,18). E Deus responde, ou melhor, revela-se: “farei passar sobre ti todos os meus benefícios, e proclamarei diante de ti o nome do ‘Senhor’. Concedo minha benevolência a quem quero conceder benevolência, e faço misericórdia a quem desejo fazer misericórdia” (Ex 33,19).

No Novo Testamento, pela encarnação do Verbo, Jesus revela, na plenitude dos tempos, o rosto de um Deus misericordioso que se volta com amor infinito e “doa o seu coração” aos miseráveis, aos necessitados, aos pequenos, aos pobres e aos pecadores.<sup>2</sup> O Papa Francisco afirma que:

Jesus Cristo é o rosto da misericórdia do Pai. O mistério da fé cristã parece encontrar nestas palavras a sua síntese. Tal misericórdia tornou-se viva, visível e atingiu o seu clímax em Jesus de Nazaré. O Pai, ‘rico em misericórdia’ (Ef 2,4), depois de ter revelado o seu nome a Moisés como ‘Deus misericordioso e clemente, vagaroso na ira, cheio de bondade e fidelidade’ (Ex 34,6), não cessou de dar a conhecer, de vários modos e em muitos momentos da história, a sua natureza divina. Na ‘plenitude do tempo’ (Gl 4,4), quando tudo estava pronto segundo o seu plano de salvação, mandou o seu Filho, nascido da Virgem Maria, para nos revelar, de modo definitivo, o seu amor. Quem O vê, vê o Pai (cf. Jo 14,9). Com a sua palavra, os seus gestos e toda a sua pessoa, Jesus de Nazaré revela a misericórdia de Deus.<sup>3</sup>

A misericórdia é a essência de Deus, pois “Deus é amor” (1Jo 4,8.16). Nisto consiste a base da vida cristã e, mais que isso, encontra-se a mística que inspira atitudes cristãs práticas, voltadas para a fraternidade, o perdão e a reconciliação.

A mística, fundamentada na prática da reconciliação, é consequência da compreensão da misericórdia divina. Aquilo que parece ser humanamente impossível, até mesmo para o mais devoto cristão, torna-se viável quando se conhece a Deus e o modo como Ele age. O texto de Oséias, “quero amor e não sacrifícios” (Os 6,6), e o de Mateus, “aprendei, pois, o que significa: ‘quero misericórdia e não sacrifício’. De fato, eu não vim para chamar os justos, mas os pecadores” (Mt 9,13), ajudam-nos a compreender quem é Deus. O

<sup>2</sup> COELHO, M. M., *A misericórdia de Deus*, p. 17.

<sup>3</sup> FRANCISCO, PP., *Bula de Proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia*, n. 1.

conhecimento de Deus (do coração de Deus) leva a pessoa ao Seu encontro. Em todas as suas misérias, o homem encontra, no perdão de Deus, o conforto e o ânimo para o caminho da perfeição. “As nossas misérias (os nossos pecados) são o trono da misericórdia de Deus.”<sup>4</sup> Assim, a pessoa não se distancia de Deus, mas aproxima-se d’Ele, para viverem em comunhão.

No Novo Testamento, conforme escreve João Paulo II em sua primeira encíclica, *Redemptor hominis*, a revelação, em Jesus Cristo, do amor é revelação também da misericórdia:

o Deus da criação revela-se como Deus da redenção, como Deus “fiel a si próprio (1Ts 5,24), fiel ao seu amor para com o homem e para com o mundo, que já se revelara no dia da criação. E este seu amor é amor que não retrocede diante de nada daquilo que nele mesmo exige a justiça. E por isto o Filho “que não conhecera o pecado, Deus tratou-o, por nós, como pecado” (2Cor 5,21; cf. Gl 3,13). E se “tratou como pecado” Aquele que era absolutamente isento de qualquer pecado, fê-lo para revelar o amor que é sempre maior do que tudo o que é criado, o amor que é Ele próprio, porque “Deus é amor” (1Jo 4,8.16). E sobretudo o amor é maior do que o pecado, do que a fraqueza e do que “a caducidade do que foi criado” (Rm 8,20), mais forte do que a morte; é amor sempre pronto a erguer e a perdoar, sempre pronto para ir ao encontro do filho pródigo (Lc 15,11-32), sempre em busca da “revelação dos filhos de Deus” (Rm 8,19), que são chamados para a glória futura (Rm 8,18). Esta revelação do amor é definida também misericórdia (Santo Tomás, *Summa Theol.*, III q. 46, a. 1, ad 3); e tal revelação do amor e da misericórdia tem na história do homem uma forma e um nome: chama-se Jesus Cristo.<sup>5</sup>

Revelador da misericórdia de Deus é Cristo Jesus: “nisto se manifestou o amor de Deus por nós: Deus enviou o seu Filho único ao mundo para que vivamos por ele” (1Jo 4,9). Este amor, iniciativa de Deus, manifestou-se no dom de Cristo por nós, pecadores, e teve seu cumprimento na cruz: “nisto consiste o amor: não fomos nós que amamos a Deus, mas foi ele quem nos amou e enviou-nos o seu Filho como vítima de expiação pelos nossos pecados” (1Jo 4,10). No Evangelho de Mateus, ao ouvirmos o convite de Jesus para irmos a Ele, sentimo-nos exortados a regressar ao grande amor com que Deus nos amou, tornando-nos seus amigos e filhos: “vinde a mim todos vós que estais

<sup>4</sup> GIOVANNI XXIII, PP., *Il giornale dell’anima e altri scritti di pietà*, p. 452.

<sup>5</sup> RH 9.



cansados e fatigados sob o peso dos vossos fardos, e eu vos darei descanso. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração, e vós encontrareis descanso. Pois o meu jugo é suave e o meu fardo é leve” (Mt 11,28-30).

No capítulo 15 do evangelho de Lucas, são narradas três parábolas conhecidas como “parábolas da misericórdia”. Estas parábolas mostram a “lógica de Deus” em relação aos publicanos e pecadores. As parábolas da misericórdia revelam-nos o rosto do Pai misericordioso, encarnado em seu Filho Jesus, bom, disposto a perdoar, a acolher e a fazer festa com os filhos e filhas que reconhecem o seu pecado e voltam para a casa do Pai. Como o Pai que acolhe o seu filho, que estava longe e no pecado, assim o Senhor quer nos abraçar e acolher em seu colo. O texto nos diz: “levantou-se, pois, e foi ter com seu pai. Estava ainda longe, quando seu pai o viu e, movido de compaixão, correu-lhe ao encontro, lançou-se lhe ao pescoço e o beijou” (Lc 15,20).

A misericórdia tem que ser vivenciada na busca do “rosto de Deus” na vida, na história, na luta e no sonho dos filhos e filhas de Deus. Aproximando-nos da misericórdia divina, sentindo-nos pecadores e por meio do Sacramento da Reconciliação, podemos compreender a riqueza do amor divino e a graça de sermos filhos e filhas de Deus. Como afirma Leers, o “rosto de Deus” é encontrado, particularmente, na experiência do Sacramento da Reconciliação:

a prática da confissão é, mais do que uma troca de palavras, um encontro entre duas pessoas: um penitente e um ministro da Igreja. A celebração do sacramento da reconciliação é como o quadro vivo da parábola do pai misericordioso e seu filho pródigo: a esfera global é de abertura, expectativa, compreensão, estímulo, apoio e ajuda, para que o pecador se torne penitente, se converta e reencontre a alegria e a paz no Senhor, que são os frutos do Espírito Santo.<sup>6</sup>

É na aproximação aos pecadores, de quem perdeu o sentido da vida, de quem não conhece Deus, que a misericórdia se torna concreta. Trata-se da dinâmica fraterna, em forma de presença viva, ao lado de quem não conhece o amor divino. A intervenção de Jesus a favor dos necessitados é plena de compaixão, Ele “via” como as pessoas sofriam e, amando-as ao extremo, dava-lhes vida nova, restituindo-lhes a dignidade de filhos e filhas de Deus.

<sup>6</sup> LEERS, B., O Ministério da Reconciliação, p.74.

Entendemos que a teologia de Bernardino Leers toca o âmago da vida cristã. Conhecer algo desta sensibilidade se torna cada vez mais útil para mergulharmos em águas mais profundas, seguindo a ordem de Jesus a Pedro: *Duc in altum* (Lc 5,4), sobretudo na compreensão do Ministério da Reconciliação. Refletir a verdadeira essência do Sacramento da Reconciliação é tocar naquilo que Deus é: “Deus é amor” (1Jo 4,8.16). A mais bela experiência humana é a do amor. A mais profunda e tocante certeza é a do amor de Deus por nós. O amor não é invenção humana, mas é divino, vem de Deus, e Ele próprio é o Amor; Deus é perdão.

Bernardino Leers, teólogo e sacerdote franciscano, sintetiza em seu pensamento a reflexão sobre a teologia moral e a missão de sacerdote, inspirado nos ensinamentos de seu pai fundador, Francisco de Assis, em favor dos pobres, excluídos e marginalizados. Ele mesmo escreve uma obra intitulada “Francisco de Assis e a moral cristã”. Para Leers, a misericórdia tem que ser vivenciada na busca do rosto de Jesus pobre, na vida, na história, na luta e no sonho de tantos irmãos e irmãs desfigurados, violentados, oprimidos e excluídos. O “rosto de Deus” é encontrado, preferencialmente, numa experiência junto a tantos rostos que gritam por justiça, solidariedade, cuidado, meio ambiente e fraternidade. Deus é encontrado na Sua misericórdia para com os pecadores e sofredores, de modo particular no Sacramento da Reconciliação.

Nossa intenção, neste texto, é buscar um diálogo entre o pensamento do Papa Francisco, que traz em seu nome também a opção pela espiritualidade de Francisco de Assis, sobre o Deus da misericórdia, com a reflexão sobre o Sacramento da Reconciliação, lugar privilegiado do pecador experimentar a misericórdia de Deus, desenvolvida pelo teólogo Bernardino Leers:

O Sacramento da Penitência não dirige o mistério da graça primeiramente a um objeto que seria no caso a matéria dos pecados distintos em número e espécie, mas a um sujeito, à pessoa do pecador. Também este sacramento é um encontro pessoal entre a Pessoa do Senhor e a pessoa do pecador que quer voltar para casa, no âmbito da Igreja.<sup>7</sup>

O empenho pela reconciliação fundamenta-se na misericórdia divina com atitudes práticas e concretas. Nas curvas da caminhada, as etapas se sucedem e, à medida que cresce a intimidade com Jesus e se começa a conhecer Deus, a pessoa compreende que a espiritualidade e a mística cristã se distinguem pela

<sup>7</sup> LEERS, B., A confissão específica dos pecados e a renovação do sacramento da penitência, p. 9.

misericórdia, que se concretiza no Sacramento da Reconciliação. “Na vida de cada dia, Ele (o Espírito Santo) realiza a parábola da ovelha perdida, faz o papel do bom samaritano, perdoa setenta vezes sete e mais, alivia a dor, cura, anima, dá força para homens e mulheres.”<sup>8</sup>

## 1. De Jesus para a Igreja: Igreja, rosto da misericórdia de Jesus

O poder de perdoar os pecados é inseparável da pessoa de Jesus e da sua Igreja. No entanto, a remissão dos pecados é a missão confiada por Jesus aos seus discípulos: “Assim como o Pai me enviou, também eu vos envio a vós. Recebei o Espírito Santo. Aqueles a quem perdoardes os pecados lhes são perdoados; e àqueles a quem os retiverdes lhes são retidos” (Jo 20,23). Na origem de tal mandato, encontra-se a vontade de Deus, que deseja que todos os homens sejam salvos e cheguem à felicidade eterna. Afirmo o Papa Francisco: “o Senhor nunca se cansa de nos perdoar: nunca!”<sup>9</sup> A Igreja é o lugar deste encontro com Deus; a sua finalidade é escatológica, isto é, salvífica.

O ministro, autorizado pela Igreja, tem a missão de mediar e canalizar a corrente da graça e perdão que sai do coração aberto de Jesus. Na casa da misericórdia, que é a Igreja, seria trágico se o pecador com sua necessidade de perdão tivesse de repetir o que o doente disse a Jesus: “não tenho ninguém para me ajudar” (Jo 5,7).

O teólogo Bernardino Leers afirma que, a respeito do reencontro da Igreja com o pecador arrependido, vive-se a necessidade de compreender sempre melhor e externar com mais clareza a largura, o comprimento, a altura e a profundidade do mistério de Cristo, salvador nosso (Ef 3,17-19).<sup>10</sup> Ainda para Leers,

O poder de ligar e desligar, por Cristo dado à Igreja, não se refere primeiramente ao número e à espécie dos pecados cometidos, mas a reassunção do pecador na comunidade eclesial e ao seu perdão, condicionados à sua sincera vontade de conversão. Os pecados podem ser grandes ou pequenos, numerosos ou poucos; o que importa para a reconciliação é a atitude humilde do filho pródigo que se apresenta à sua Igreja.<sup>11</sup>

<sup>8</sup> LEERS, B., A consciência ética e o Espírito Santo, p. 161.

<sup>9</sup> FRANCISCO, PP., Discurso aos participantes do curso de foro interno, 4 mar. 2016.

<sup>10</sup> LEERS, B., A confissão específica dos pecados e a renovação do sacramento da penitência, p. 1.

<sup>11</sup> LEERS, B., A confissão específica dos pecados e a renovação do sacramento da penitência, p. 9.

O Papa Francisco insiste que:

A verdadeira missão confiada à Igreja é curar as feridas do coração, abrir as portas, libertar, dizer que Deus é bom, que Deus perdoa tudo, que Deus é Pai, que Deus é ternura, que Deus nos espera sempre... Curar, erguer-se, libertar, expulsar os demônios. O cristão é um simples ‘operário do Reino’, um ministro de Cristo quando cura os feridos que esperam nos corredores da Igreja, um ‘hospital de campanha.’<sup>12</sup>

No entanto, por meio da Igreja, Sacramento, Deus se faz proximidade, Emanuel, arma a Sua tenda no meio de nós. Ele está no meio de nós!

## 2. A misericórdia de Deus alcança a miséria humana

A misericórdia divina está no início de tudo e é ela a que exige e torna possível uma experiência renovada do perdão de Deus. Esta é a experiência de Deus por excelência. A misericórdia é o coração da mensagem bíblica. O Antigo Testamento afirma que Deus é um Deus piedoso e misericordioso, (Ex 34,6; Sl 85,15) enquanto o Novo Testamento o chama de “Pai das misericórdias e o Deus e toda a consolação” (2Cor 1,3; Ef 2,4).

O termo “misericórdia” significa, de modo literal, ter o próprio coração (*cor*) próximo aos pobres (*miseri*); ter um coração para os pobres, os miseráveis, os necessitados de qualquer espécie. A misericórdia expressa a soberania de Deus, em sua compaixão e bondade; por ela, Ele mostra a Sua santidade e Sua grandeza. Deus é um Deus que vê a miséria do seu povo, escuta o seu grito e desce. O perdão que Deus nos oferece é obra da Sua misericórdia que alcança a miséria humana.<sup>13</sup> “Não há ação humana, por melhor que seja, que nos faça merecer tão grande dom. Por pura graça, Deus atrainos para nos unir a Si.”<sup>14</sup>

O profeta Isaías é, pois, enviado por Deus a anunciar, “ao coração de Jerusalém,” que a “consolação” do Senhor está próxima (Is 40,1). A imagem do “falar ao coração” indica a relação de amor entre Javé e o seu Povo, entre o amado e a amada, uma relação de proximidade. Deus “fala ao coração” do seu Povo, com amor e ternura, a fim de o consolar.

<sup>12</sup> FRANCISCO, PP., Meditazione mattutina nella Cappella della *Domus Sanctae Marthae*, 5 fev. 2015.

<sup>13</sup> COELHO, M. M., A misericórdia de Deus, p. 120.

<sup>14</sup> EG 112.



Em que consiste essa “consolação?” O que significa consolar o povo? Consiste no anúncio do perdão de Deus (Is 40,2). O povo que se encontrava na condição de exilado estava convencido de que a dolorosa experiência do Exílio era o castigo para os pecados cometidos pelo Povo de Judá. Os exilados viviam angustiados, sufocados pelo sentimento de culpa, sentindo-se transgressores, indignos, pecadores, distantes e separados de Deus. Neste contexto de vida, Deus diz-lhes: o tempo da ruptura e do afastamento terminou e chegou o tempo do reencontro, o tempo de refazer a comunhão e a Aliança.

A mensagem de “consolação” que o profeta Isaías nos apresenta anuncia a esse povo triste, aborrecido, desiludido e frustrado que Deus não o abandonou, nem se esqueceu deles, e que atuará no sentido de oferecer-lhe de novo a vida e a liberdade. Esta mensagem é a proclamação, o anúncio da Esperança, oferecida ao Povo de Deus de todos os tempos e lugares. Pelo Sacramento da Reconciliação, Deus desce ao encontro do pecador para libertá-lo e consolá-lo.

### 3. Sacramento da “Confissão” ou Reconciliação

Segundo Leers, ainda chamam, com persistência, o Sacramento da Penitência como da “confissão.”<sup>15</sup> Nosso autor, em seus escritos, relaciona a concepção nem sempre correta do Sacramento da Reconciliação com o modo que o povo diz “confissão”. Houve e há sempre bastante defasagem entre a doutrina ensinada e o que se fixa no conhecimento e nas atitudes do auditório. Contudo, uma análise da literatura mais popularizada fornece, com certa probabilidade, uma imagem do que o Sacramento da Penitência significa para o povo cristão.<sup>16</sup>

Que até hoje este sacramento seja chamado pelo povo ‘confissão’ e seu ministro ‘confessor’ **não é de estranhar, porque é sob este ângulo principalmente, que a celebração do perdão de Deus era apresentada. O elemento dominante no encontro da misericórdia era dizer** os próprios pecados ao padre. O réu declara seus crimes ao juiz que, escrupulosamente, tem de examiná-los a fim de formar a sentença, dando ou negando a absolvição e impondo as penas que achar adequadas. Parece que neste acontecimento da graça de Deus, o papel principal do penitente é fornecer a lista de pecados e transgressões de leis e o papel do ministro se limita à função de um juiz severo, inspirando medo.<sup>17</sup> No entanto, entendemos que não é a confissão de

<sup>15</sup> LEERS, B., Reconciliação na prática, p. 152.

<sup>16</sup> LEERS, B., O Ministério da Reconciliação, p. 22.

<sup>17</sup> LEERS, B., O Ministério da Reconciliação, p. 22-23.

listas de pecados com os lábios que encaminha o pecador para a casa do Pai, mas a mudança de mentalidade, (*metanoia*) que pela corporeidade da pessoa humana, externa-se nas palavras da confissão.

No Ministério da Reconciliação, acontece a compaixão, pois promove uma proximidade solidária, coloca face a face Aquele que oferece (Deus) e aquele que recebe (penitente) compaixão. No Sacramento da Reconciliação, encontramos um modo de agir com brandura e compaixão que conduz o penitente para Deus; o verdadeiro poder não está na força da lei ou do rito, e sim na misericórdia e na reconciliação. Pela reconciliação a misericórdia se realiza, é o teste supremo da fé, da verdadeira espiritualidade. Só podemos adorar a Deus se também nos reconciliarmos com os nossos semelhantes, sejam eles quem forem. No caminho da salvação, Deus mesmo é sempre o Criador da reconciliação, ou seja, “a misericórdia de Deus conhece mais canais de comunicar sua reconciliação do que legisladores sabem captar em leis.”<sup>18</sup> Ainda para Leers, “os pensamentos de Deus são mais elevados, variados e férteis do que os manuais tradicionais da teologia moral.”<sup>19</sup>

Os capítulos 32-34 do livro do Êxodo relatam a situação do povo que havia sido libertado da escravidão do Egito. A figura de Moisés como líder do povo é fundamental para esta situação dramática. Sob a ordem de Javé, ele prepara duas novas tábuas de pedra e, de manhã cedo, sobe ao monte Sinai, como Javé lhe ordenara (Ex 34,4b). Javé, por sua vez, desce na nuvem e fica junto de Moisés (Ex 34,5a). Nesse gesto de subida (Moisés) e descida (Javé), temos o encontro. Este fato nos mostra, assim, um Deus que deseja relacionar-se, estar em contato com o povo, mediante Moisés, e por isso, desce ao seu encontro. Javé se revela como o Deus do encontro, da relação, do contato, da proximidade.

“Deus abre seu coração para Moisés”, “Eu vi (...), ouvi (...), desci (...), libertei. ” Deus é um Deus que vê, que ouve, que desce, que conhece e que liberta - ver, ouvir, descer, mexer-se, libertar -; não é um Deus distante, mas um Deus próximo. O Ministério da Reconciliação é o modo real que Deus encontrou de socorrer e resgatar os pecadores. Deus sente a dor do coração daquele que se arrepende e “desce” para curá-lo, tocá-lo, libertá-lo. Por isso, o coração do penitente é o “*locus theologicus*” de encontro com o Senhor, como afirma o Papa Francisco: “A minha fragilidade, a de cada um de nós, é um lugar teológico de encontro com o Senhor.”<sup>20</sup>

<sup>18</sup> LEERS, B., Reconciliação na prática, p. 156.

<sup>19</sup> LEERS, B., Reconciliação na prática, p. 155.

<sup>20</sup> FRANCISCO, PP., Discurso aos Sacerdotes do internado São Luís dos Franceses, 7 jun.



Da parte do pecador que celebra o perdão no Sacramento da Reconciliação, tanto a confissão dos pecados quanto a conversão, são ações dinâmicas e que sugerem o movimento humano para encontrar-se com o Senhor.

Pela confissão dos pecados, o penitente vai se mostrando, revelando-se, porém, “a revelação progressiva do outro nunca chegará a ser uma réplica perfeita dele; será como um jogo de luzes e sombras, um espaço aberto, cercado de muros. Por isso, a palavra final do confessor é: ‘eu te absolvo,’ independentemente da densidade ou leveza da culpa real do penitente.”<sup>21</sup>

A misericórdia do Senhor não acaba, não se esgota a sua compaixão: “ele não discutirá nem gritará; não quebrará o caniço rachado, e não apagará o pavio ainda fumegante até que estabeleça a justiça sobre a terra. Em sua lei as ilhas porão sua esperança” (Is 42,2; Mt 12,19). Em cada encontro com o penitente, a misericórdia de Deus se renova; é grande a tua fidelidade. Bom é esperar em silêncio a salvação do Senhor (Lm 3,17.21-23.26). Consciente da fidelidade do Senhor, o Papa Francisco convida

Todo o cristão, em qualquer lugar e situação que se encontre, a renovar hoje mesmo o seu encontro pessoal com Jesus Cristo ou, pelo menos, a tomar a decisão de se deixar encontrar por Ele, de O procurar dia a dia sem cessar. Não há motivo para alguém poder pensar que este convite não lhe diz respeito, já que ‘da alegria trazida pelo Senhor ninguém é excluído’. Quem arrisca, o Senhor não o desilude; e, quando alguém dá um pequeno passo em direção a Jesus, descobre que Ele já aguardava de braços abertos a sua chegada. Este é o momento para dizer a Jesus Cristo: ‘Senhor, deixei-me enganar, de mil maneiras fugi do vosso amor, mas aqui estou novamente para renovar a minha aliança convosco. Preciso de Vós. Resgatai-me de novo, Senhor; aceitai-me mais uma vez nos vossos braços redentores’. Como nos faz bem voltar para Ele, quando nos perdemos! Insisto uma vez mais: Deus nunca se cansa de perdoar, somos nós que nos cansamos de pedir a sua misericórdia. Aquele que nos convidou a perdoar ‘setenta vezes sete’ (Mt 18,22) dá-nos o exemplo: Ele perdoa setenta vezes sete. Volta uma vez e outra a carregar-nos aos seus ombros. Ninguém nos pode tirar a dignidade que este amor infinito e inabalável nos confere. Ele permite-nos levantar a cabeça e recomeçar, com uma ternura que nunca nos defrauda e sempre nos pode restituir a alegria.<sup>22</sup>

---

2021.

<sup>21</sup> LEERS, B., Perfil do Ministro da Reconciliação Sacramental, p. 497.

<sup>22</sup> EG 3.

#### 4. O ministro é mediador da reconciliação: ser mediação ministerial entre Deus e a pessoa pecadora

Existe uma grande preocupação, manifestada por Leers em suas obras, quanto ao perfil do ministro da reconciliação, que deverá ser um verdadeiro sinal de misericórdia de Deus e autêntico mediador da alegria pascal aos pecadores: “o ministro não é pescador de pecados com detalhes e circunstâncias, mas pescador de pecadores que ele ajuda a voltarem à casa paterna e se tornarem de novo membros vivos da Igreja de Cristo pela força do Espírito Santo.”<sup>23</sup> Jesus tem poder para perdoar os pecados, por intermédio dos seus ministros.

O Papa Francisco proclamou, desde os primeiros dias de seu pontificado, como a misericórdia divina é o coração pulsante do Evangelho e, mais ainda, a própria essência de Deus. Por isto, todo confessor tem a elevadíssima missão de ser imagem visível da invisível misericórdia de Deus, “canal de alegria para o fiel” que, “depois de ter recebido o perdão, não se sinta mais oprimido pelas culpas, mas possa saborear a obra de Deus que o libertou.”<sup>24</sup>

O encontro entre o penitente e o confessor deverá acontecer em clima de diálogo à luz da fé. O ministro deverá agir como mediador entre Deus e o pecador, inspirar no confessor confiança no perdão e reconciliação com Deus, que é o Pai da misericórdia; ajudar o penitente no processo de conversão sincera, com o propósito de mudar de vida e reassumir sua missão cristã na Igreja e no mundo; deseja mostrar que o sacramento é a reconciliação dos penitentes com Deus e com a Igreja, obra da graça e que o confessor não é o dono do espetáculo.<sup>25</sup>

O Papa Francisco, no Discurso aos participantes do 28º curso sobre o foro interno, organizado pela penitenciaria apostólica, indica três aspectos importantes nas qualidades de um bom confessor: Antes de tudo, o bom confessor, como verdadeiro amigo de Jesus Bom Pastor, deve cultivar um ministério de reconciliação “envolvido de oração”, oração com o Senhor, pelo dom da caridade pastoral, e oração pelos fiéis, que ali se colocam em busca da misericórdia de Deus. Oração também para implorar o dom de um coração ferido, consciente de ser, ele mesmo, o primeiro pecador e o primeiro perdoado e capaz de compreender, por consequência, as feridas dos outros. Em segundo lugar, o bom confessor é homem do Espírito, homem do discernimento e

<sup>23</sup> LEERS, B., O Ministério da Reconciliação, p. 125.

<sup>24</sup> FRANCISCO, PP., Discurso aos participantes do curso de foro interno, 04 mar. 2016.

<sup>25</sup> LEERS, B., O Ministério da Reconciliação, p. 25.



da compaixão. O Papa recordou que o sacerdote é, então, chamado à escuta humilde da vontade de Deus, porque, na celebração do Sacramento da Penitência, não é patrão, mas ministro, isto é, servo. Por fim, o bom confessor é, também, um evangelizador, porque não existe evangelização mais autêntica do que o encontro com a misericórdia, verdadeira face de Deus. Ele deverá discernir, no breve diálogo que tem com o penitente, o que é necessário anunciar-lhe para a maturação de seu caminho espiritual: é uma obra que pode fazer realmente tanto bem!<sup>26</sup>

O discurso do Papa Francisco está em conformidade com pensamento do teólogo Bernardino Leers, que escreveu: “a tarefa do ministro não é exatamente ouvir confissões; mas animar o penitente a mudar de vida e recomeçar a corrida, mostrando-lhe as riquezas insondáveis de Cristo, em quem tem com a franqueza o acesso confiante a Deus, por meio da fé (Ef 3,7-12).”<sup>27</sup>

Segundo o teólogo citado,

O confessionário é um cemitério sob dois aspectos. Da parte de Deus, porque tirou o pecado do passado para sempre e lavou as vestes do penitente no sangue do Cordeiro (Ap 1,5; 7,14), tornando-o homem novo. Da parte do ministro, porque está comprometido com o segredo sacramental ou sigilo para com tudo o que ouviu, percebeu e se passou no diálogo com os penitentes na administração do Sacramento da Reconciliação.<sup>28</sup>

Existe grande desejo de Leers em convencer o ministro do fato que quem está no centro é o penitente e não seus pecados passados, e que o ministro tem o papel de mediador, ajudante da parte de Deus, para que o pecador se converta e viva (Ez 3,18; 18,23). Afirma Leers, o que vem em primeiro plano é o arrependimento, originado do desejo de conversão do pecador, enquanto a acusação específica de seus pecados fica em segundo plano.<sup>29</sup>

Conforme o teólogo Bernardino Leers,

Como pessoa concreta, o ministro recebe a pessoa concreta do pecador penitente. A linguagem tradicional da teologia moral trabalha muito com as categorias abstratas de pecado e norma. Na realidade, em frente do ministro

<sup>26</sup> FRANCISCO, PP., Discurso do Papa Francisco aos participantes no XXVIII, 17 mar. 2017.

<sup>27</sup> LEERS, B., Perfil do Ministro da Reconciliação Sacramental, p. 494-8.

<sup>28</sup> LEERS, B., O Ministério da Reconciliação, p. 171-172.

<sup>29</sup> LEERS, B., A confissão específica dos pecados e a renovação do sacramento da penitência, p. 10.

está sempre um pecador que, pelos seus pecados confessados, demonstra algo vital de si mesmo, sua fraqueza, incapacidade de acatar exigências da vida cristã no mundo de hoje, insegurança, ansiedade, dificuldades na convivência com outros escapismos, satisfação autista e mais qualidades e opções que estão na sombra de sua personalidade específica.<sup>30</sup>

Nos ensinamentos da teologia moral, existe o desejo de apresentar um confessor que também tenha uma face humana, pois o ministro é embaixador da misericórdia e do perdão de Deus e focaliza em seu serviço mais a conversão do penitente, sua reconciliação com os irmãos, com o mundo, e a reconstrução de sua caminhada de cristão.

O Papa Francisco recorda aos sacerdotes “que o confessorário não deve ser uma câmara de tortura, mas o lugar da misericórdia do Senhor.”<sup>31</sup> Em determinadas situações, os sacramentos são a força para os fracos.<sup>32</sup> No confessorário, não basta julgar se a pessoa age simplesmente em conformidade com a norma moral; sabemos que, para Francisco, “é mesquinho deter-se a considerar se o agir de uma pessoa corresponde ou não à norma geral, porque isto não basta para discernir e assegurar plena fidelidade a Deus na existência concreta do ser humano.”<sup>33</sup>

Para Leers, “no encontro entre o penitente e o ministro da reconciliação, a Igreja espera do primeiro três atos: a contrição, a confissão dos pecados, a penitência ou satisfação.”<sup>34</sup> No entanto, “pelo Espírito, o confessor é triplamente ministro: ministro de Deus cuja misericórdia encarna e cuja palavra de perdão ele pronuncia; ministro da Igreja que lhe confiou de modo especial o ministério da reconciliação; ministro dos penitentes cuja conversão promove e cuja reconciliação transmite como intermediário na comunidade eclesial.”<sup>35</sup> A questão central é verificar o lugar em que o pecador se encontra devido à sua culpa e descobrir em comum como ele pode se libertar pela misericórdia de Deus, reencontrando o caminho da vontade do Pai e do amor fraterno. No entendimento de Leers,

Mesmo a expressão popular de dizer seus pecados ao padre salva ainda

<sup>30</sup> LEERS, B., *O Ministério da Reconciliação*, p. 81.

<sup>31</sup> EG 44.

<sup>32</sup> AL 305, rodapé 41.

<sup>33</sup> AL 304.

<sup>34</sup> LEERS, B., *O Ministério da Reconciliação*, p. 103.

<sup>35</sup> LEERS, B., *O Ministério da Reconciliação*, p. 74.

algo de um contato humano, um encontro entre duas pessoas, o penitente e o ministro, cada um em seu papel. No entanto, o que é visível na superfície do evento social da união de duas pessoas revela na luz da fé um encontro mais profundo com o mistério da Santíssima Trindade e de sua caminhada libertadora com seu povo.<sup>36</sup>

Por isso, a “absolvição de pecadores é gratuidade em que o Pai de misericórdia usa um ministro humano, vestido de fragilidade, como se fosse acentuar mais esta característica de seu perdão generoso.”<sup>37</sup>

No contexto bíblico, o gesto de confessar os pecados não consiste em uma simples comunicação ou confissão, mas está na atitude de confessar a fé no Deus da Aliança, no desejo de confessar sua confiança na misericórdia de Deus e sua ação de graças pelas maravilhas que Deus fez pela libertação de seu povo. Afirmo Bernardino Leers:

A experiência de Pedro andando sobre as ondas serve de aviso simbólico. A vontade de ir ao encontro de Jesus num ato de conversão leva o homem a sair de sua segurança relativa; mas esta mudança nem sempre tem força interna suficiente para aguentar o medo das ondas e da fúria dos ventos da vida. A sinceridade do bom propósito na hora não garante sua execução fiel depois.<sup>38</sup>

A crítica que o teólogo Leers faz aos tratados sobre o Sacramento da Penitência com maior foco no padre confessor é algo pertinente, diz:

Ele (o confessor) faz as funções de Jesus Cristo como soberano juiz quem tem o poder e o direito de perdoar os pecados. Os penitentes hão de prostrar-se aos seus pés, venerando a pessoa e o poder de Cristo, Senhor nosso. O lugar do confessor é central, não tanto no sentido de ser mediação ministerial entre Deus e o pecador, mas no sentido de ser ponto de partida das iniciativas e decisões, de liderar o encontro, controlar tudo, dominar o quadro e impor as regras do jogo. Ele interroga o réu para se formar uma imagem exata do estado de alma do pecador; ele dá os conselhos, exortações e avisos, como bem entende; ele forma e pronuncia a sentença; ele a determina e impõe a penitência; ele dá licença para comungar uma ou

<sup>36</sup> LEERS, B., O Ministério da Reconciliação, p. 73.

<sup>37</sup> LEERS, B., O Ministério da Reconciliação, p. 140.

<sup>38</sup> LEERS, B., O Ministério da Reconciliação, p. 116.

mais vezes ou nenhuma, segundo julgar mais conveniente. Ao réu-pecador não resta outro papel senão ouvir, obedecer, acatar, executar e cumprir as ordens.<sup>39</sup>

## 5. Deus perdoa sempre

Deus Pai, que constantemente nos chamais a viver na felicidade completa. Vós, Deus de ternura e de bondade, nunca vos cansais de perdoar. Ofereceis vosso perdão a todos, convidando os pecadores a entregar-se confiantes à vossa misericórdia<sup>40</sup>.

No Evangelho de João (3,16), Jesus diz a Nicodemos: “com efeito, de tal modo Deus amou o mundo, que lhe deu seu Filho único.” Com isso, revela-se que Jesus crucificado é a expressão soberana deste amor de Deus por nós; Deus nos ama, nos ama de verdade! Esta é a expressão que sintetiza a ação de Deus ao instituir o Sacramento da Reconciliação, nisto se resume todo o Evangelho, toda a fé, toda a teologia da misericórdia que se concretiza ao perdoar os pecados.

Deus nos ama com amor gratuito e sem limites. É assim que Deus nos ama. Este mesmo amor, Deus o demonstrou, sobretudo na criação, como proclama a Oração Eucarística IV: “fizestes todas as coisas para cobrir de bênçãos as vossas criaturas e a muitos alegrar com a vossa luz.” Continua, “e quando pela desobediência perderam a vossa amizade, não os abandonastes ao poder da morte, mas a todos socorrestes com bondade, para que, ao procurar-vos, vos pudessem encontrar.” Ele veio com a sua misericórdia.

Como na criação, também nas etapas sucessivas da história da salvação ressalta a gratuidade do amor de Deus: o Senhor escolhe seu povo, não porque este o mereça, e diz-lhe assim: Eu o escolhi, precisamente, porque é o menor entre todos os povos. E quando chegada ‘a plenitude dos tempos’, apesar dos homens não terem cumprido mais uma vez a aliança, Deus, em vez de abandoná-los, estreitou com eles um novo vínculo, com o sangue de Jesus, o vínculo da nova e eterna aliança, um vínculo que nada poderá romper nunca.<sup>41</sup> Santo Irineu assim escreveu: “Deus não criou Adão porque precisava do

<sup>39</sup> LEERS, B., O Ministério da Reconciliação, p. 24-25.

<sup>40</sup> Oração Eucarística sobre Reconciliação I

<sup>41</sup> FRANCISCO, PP., Angelus. IV Domingo de Quaresma de 15 mar. 2015.



homem, mas para ter alguém para cumular com os seus benefícios.”<sup>42</sup>

São Paulo nos lembra, diz Francisco, “mas Deus, que é rico em misericórdia, impulsionado pelo grande amor com que nos amou, quando estávamos mortos em consequência de nossos pecados, deu-nos a vida juntamente com Cristo” (Ef 2,4). Quão grande é a misericórdia de Deus, porque nos ama, perdoa-nos com sua misericórdia; Deus perdoa tudo e Deus perdoa sempre.<sup>43</sup>

Deus é realmente rico em misericórdia e perdoa mais do que setenta vezes sete, mas o acesso à graça é condicionado pela abertura do coração que o pecador oferece.<sup>44</sup> A misericórdia é de Deus, a opção é nossa. “Aproximai-vos de Deus e Ele se aproximará de vós” (Tg 4,8) implica que a aproximação vem dos dois lados. Jesus não perguntou ao parálítico (Mc 2,5), à mulher adúltera na praça (Jo 8,11), ao ladrão na cruz (Lc 23,43), quais foram seus pecados. Jesus encontrou, na sinceridade do coração de cada um, o desejo de aproximar-se d’Ele, ser perdoado, e por isto perdoou.

Para perdoar os pecadores, não há qualquer problema ou complicação. Embora ninguém pudesse convencê-lo de pecado (Jo 8,46), Jesus não se sente inibido diante dos pecadores e não lhes mostra o mínimo desprezo; não parece interessado nos pecados cometidos, mas manifesta muito interesse pela pessoa do pecador. O parálítico, que os amigos desceram na cama pelo telhado, recebe perdão, sem tê-lo pedido (Lc 5,17-26). Com fina delicadeza, esvazia a praça da multidão de curiosos, mas não dá nome ao pecado da mulher, perdoa-a, aconselhando-lhe o que ela mesma, em sua angústia, já devia ter decidido: a nunca mais pecar (Jo 8,1-11). Nesta aula de delicadeza, sem público presente, a mulher voltou a falar e a viver.<sup>45</sup> Discrição e privacidade são básicas na reconciliação. Johannes Beutler vê no gesto de Jesus de escrever na areia um contraste com o Decálogo escrito em pedra (Jo 7,53-8,11): “a lei de Moisés não pode ser utilizada como um rígido instrumento de morte. Deve ser escrita na areia, deve ser aplicada de forma flexível, considerando a situação e a pessoa a quem se aplica”.<sup>46</sup> Na cruz não presta atenção às blasfêmias e zombarias dos fariseus e soldados, nem do outro ladrão; entretanto reage imediatamente ao pedido do bom ladrão, sem perguntar nada sobre seu passado (Lc 23,39-

<sup>42</sup> IRINEU DE LIÃO, *Adversus haereses*, IV, 14, 1.

<sup>43</sup> FRANCISCO, PP., *Angelus*. IV Domingo de Quaresma de 15 mar. 2015.

<sup>44</sup> LEERS, B., *O Ministério da Reconciliação*, p. 171.

<sup>45</sup> LEERS, B., *O Ministério da Reconciliação*, p. 137.

<sup>46</sup> BEUTLER, J. *Il Vangelo di Giovanni*, p. 292.

43). Das poucas palavras de Jesus na cruz, está guardado seu pedido ao Pai de perdoar seus inimigos, com a desculpa de que não sabiam o que estavam fazendo (Lc 23,34).<sup>47</sup>

Assim proclamamos:

Vós nos destes vosso Filho Jesus Cristo, nosso Senhor e Redentor. Ele sempre se mostrou cheio de misericórdia pelos pequenos e pobres, pelos doentes e pecadores, colocando-se ao lado dos perseguidos e marginalizados. Com a vida e a palavra anunciou ao mundo que sois Pai e cuidais de todos como filhos e filhas.<sup>48</sup>

As palavras proclamadas na missa “felizes os convidados para a Ceia do Senhor: eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo,” inspiradas num trecho do Apocalipse (Ap 19,9), “felizes os convidados para a ceia das núpcias do Cordeiro,” e no que João Batista diz de Jesus: “eis o Cordeiro de Deus, Aquele que tira o pecado do mundo” (Jo 1,29), são um convite que rejubila e, ao mesmo tempo, impele a um exame de consciência, iluminado pela fé. Com efeito, se por um lado vemos a distância que nos separa da santidade de Cristo, por outro, acreditamos que o seu Sangue é “derramado para a remissão dos pecados.”

Como afirma o Papa Francisco:

Todos nós fomos perdoados no batismo e todos nós somos perdoados ou seremos perdoados cada vez que nos aproximarmos do Sacramento da Reconciliação. E não nos esqueçamos: Jesus perdoa sempre. Jesus não se cansa de perdoar. Somos nós que nos cansamos de pedir perdão. Precisamente pensando no valor salvífico deste Sangue, Santo Ambrósio exclama: “eu, que peço sempre, devo ter sempre à disposição o remédio”. Nesta fé, também nós, dirijamos o olhar para o Cordeiro de Deus que tira os pecados do mundo, e invoquemo-lo: “Ó Senhor, não sou digno de participar na vossa mesa: mas dizei uma só palavra e eu serei salvo.”<sup>49</sup>

<sup>47</sup> LEERS, B., O Ministério da Reconciliação, p. 16.

<sup>48</sup> Oração Eucarística VI-D, para diversas circunstâncias, p. 860.

<sup>49</sup> FRANCISCO, PP., Audiência de 21 de março de 2018.

## 6. Conversão: reconciliação do homem com Deus

A afirmação bíblica de que Deus não quer a morte do pecador, mas que ele se converta e viva, ilumina o eixo central da conversão e da restauração da vida do pecador.<sup>50</sup> A conversão é um verdadeiro processo de reconciliação do homem com Deus, como afirma Leers:

Se Deus criou este mundo e amou-o tanto que enviou seu próprio Filho (Jo 3,17), o amor dedicado à salvação deste mundo e à libertação completa dos homens está no centro da própria ‘*metanoia*’ evangélica (...) Não há conversão do pecador sem reconhecimento sincero de sua culpa pessoal; não há verdadeira consciência da culpa que não leve seu portador responsável à penitência, à conversão, à volta confiante para a casa do Pai (...) A pessoa é absolvida de suas culpas. Por isso, a confissão sacramental não minimaliza nem a norma nem o pecado, mas reconduz o penitente à vida normal na comunhão com Deus e com a comunidade.<sup>51</sup>

Na mesma direção aponta o Papa Francisco ao afirmar que, “na Bíblia, conversão significa primeiro mudar a direção e a orientação; e depois também mudar a maneira de pensar. Na vida moral e espiritual, converter meios de passar do mal ao bem, do pecado ao amor de Deus.”<sup>52</sup> Para Francisco, “o acolhimento e a atenção de Jesus para com aquele homem (Zaqueu) levaram-no a uma clara mudança de mentalidade. Ao encontrar o Amor, descobrindo que é amado apesar dos seus pecados, torna-se capaz de amar os outros.”<sup>53</sup> Ainda o Papa Francisco:

Façamos como eles (os Magos), que regressaram a casa ‘por outro caminho’ (Mt 2,12). Sim, como Saulo antes do encontro com Cristo, precisamos de mudar de estrada, inverter a rota dos nossos hábitos e conveniências para encontrar o caminho que o Senhor nos mostra, o caminho da humildade, o caminho da fraternidade, da adoração.<sup>54</sup>

O filho pródigo, ao retornar para a casa do pai, diz “eu pequei”, no

<sup>50</sup> LEERS, B., Reconciliação na prática, p. 154-155.

<sup>51</sup> LEERS, B., O Ministério da Reconciliação, p. 113 e 141.

<sup>52</sup> FRANCISCO, PP., Angelus, 6 dez. 2020.

<sup>53</sup> FRANCISCO, PP., Angelus, 3 nov. 2019.

<sup>54</sup> FRANCISCO, PP., Homilia Solenidade da conversão de São Paulo Apóstolo, 25 jan. 2022.

entanto, quem se encarrega de enumerar seus pecados é seu irmão, o filho mais velho. Conforme Leers: “o cerne da consciência de culpa está contido na confissão do filho pródigo da parábola: ‘Pai, pequei contra o céu e contra ti, já não mereço ser chamado de teu filho’ (Lc 15,21).”<sup>55</sup>

Segundo o Papa Francisco,

Como o pai do Evangelho do filho pródigo, também Deus continua a considerar-nos seus filhos quando nos perdemos, e vem ao nosso encontro com ternura quando voltamos para Ele. E fala-nos com tanta bondade quando nós pensamos que somos justos. Os erros que cometemos, mesmo se forem grandes, não afetam a fidelidade do seu amor. Que no Sacramento da Reconciliação possamos voltar a partir sempre de novo: Ele acolhe-nos, restitui-nos a dignidade de seus filhos e diz-nos: ‘Vai em frente! Fica em paz! Levanta-te, vai em frente!’.<sup>56</sup>

É o próprio Jesus quem se encarrega de mostrar que o fato de alguém reconhecer-se pecador é a maior garantia de estar no caminho da salvação. Basta lembrar os exemplos de Pedro se afundando nas águas; de Maria Madalena, perdoada porque muito amou; da samaritana que, apesar da sua condição pouco recomendável, transforma-se em mensageira da Boa-Nova para seu povoado; e de Zaqueu, que não poupou esforços para ver Jesus na multidão. Por outro lado, o próprio Jesus se mostra extremamente duro para com aquelas pessoas e grupos que se auto justificam, como era o caso de certos fariseus. Para Jesus, ninguém é santo: todos são pecadores e podem tornar-se santos à medida em que aderirem, alegremente, à boa-nova do Reino.<sup>57</sup>

Na parábola da ovelha perdida, o pastor deixa suas noventa e nove ovelhas nos montes para gastar seu tempo procurando a única que se perdeu até encontrá-la; e, na parábola da moeda perdida, a mulher que, possuindo dez dracmas e tendo perdido uma, acende uma lâmpada, varre a casa e procura cuidadosamente a moeda até a encontrar (Lc 15,1-10). Por isso, “o ministro é embaixador da misericórdia e do perdão de Deus e focaliza em seu serviço mais a conversão dos penitentes, sua reconciliação com os irmãos, com o mundo, e a reconstrução de sua caminhada de cristãos.”<sup>58</sup>

Penitência é todo o processo de converter-se, comunicar seus pecados

<sup>55</sup> LEERS, B., O Ministério da Reconciliação, p. 104.

<sup>56</sup> FRANCISCO, PP., Angelus, 6 mar. 2016.

<sup>57</sup> MOSER, A., Teologia moral. p. 153-155.

<sup>58</sup> LEERS, B., O Ministério da Reconciliação, p. 125.

ao ministro, fazer um bom propósito, renovar promessas do batismo e aceitar a satisfação que o ministro dá ao penitente. É a participação dinâmica no mistério do Deus que é perdão. Conforme Leers,

A satisfação (chamamos de penitência) que o ministro dá no contexto do Sacramento da Reconciliação ajuda o penitente a se reconciliar com sua própria existência humana, como pessoa, como cristão, responsável, convivendo, caminhando para Deus e a plenitude de seu Reino... A satisfação é a oportunidade para o penitente mostrar sua gratidão ao Pai de misericórdia e um estímulo e apoio que fortalecem a vontade de encaminhar sua vida.<sup>59</sup>

Leers defende manter o termo satisfação para o que no Sacramento se diz penitência, ou seja, a penitência que o padre dá. Escreve o **teólogo**: “melhor seria manter neste contexto o termo tridentino de satisfação e reservar a palavra penitência para o processo todo de converter-se, comunicar seus pecados ao ministro, fazer um bom propósito, renovar as promessas do batismo e aceitar a satisfação que o ministro dá ao penitente.”<sup>60</sup>

O Evangelho abre-nos os olhos, faz-nos tomar consciência de que não vemos, como nos lembra João (9,41): “quem julga ver, permanece cego, permanece no pecado.” Mas, se temos o desejo de nos encontrar com o Senhor, se acreditamos n’Ele e invocamos a sua misericórdia, o seu perdão para a nossa cegueira, recebemos d’Ele o dom de enxergar. É a fé que nos abre os olhos e é a misericórdia de Cristo, isto é, o movimento do Seu coração em direção aos miseráveis, que O leva a dar o perdão e a nos convertermos a Ele; como afirma o livro dos Atos dos Apóstolos (At 3,20): “Assim podereis alcançar o tempo do repouso que vem do Senhor. E ele enviará Jesus, o Cristo, que vos foi destinado”.

A luz revela o rosto do pecador (Jo 3,20), faz revelar no espelho da sinceridade seu verdadeiro rosto de pecador. Quanto mais o pecador se aproxima da luz de Deus, tanto mais reconhece as sombras de sua existência. Esse é o início do processo da conversão, pois “todo aquele que pratica o mal odeia a luz e não se aproxima da luz, para que suas obras não apareçam no claro” (Jo 3,20). Assim diz São Jerônimo: “se o enfermo se envergonha de mostrar a chaga ao médico, a perícia deste não poderá curar aquilo que

<sup>59</sup> LEERS, B., O Ministério da Reconciliação, p. 129 e 132.

<sup>60</sup> LEERS, B., O Ministério da Reconciliação, p. 130.

ignora.”<sup>61</sup> No entanto, Francisco fala de uma vergonha “positiva” no discurso aos jovens na Eslováquia:

Alguém poderia dizer: “seja como for, eu sinto vergonha; não consigo superar a vergonha de me ir confessar”. Não é um problema; trata-se de uma coisa boa. Sentir vergonha na vida, às vezes faz bem. Se te envergonhas, quer dizer que não aceitas aquilo que fizeste. A vergonha é um bom sinal, mas, como qualquer sinal, convida a ir mais longe. Não fiques prisioneiro da vergonha, porque Deus nunca se envergonha de ti. Ama-te mesmo no ponto em que te envergonhas de ti mesmo. E ama-te sempre.<sup>62</sup>

Sobre o amor de Deus que impela à conversão, assim escreve o Papa Francisco ao referir-se sobre o encontro de Jesus com Zaqueu chefe dos publicanos na cidade de Jericó:

O primeiro olhar não é de Zaqueu (cf. Lc 19,1-10), mas de Jesus que, entre os numerosos rostos que o rodeavam – a multidão – procura precisamente o dele. O olhar misericordioso do Senhor alcança-nos antes que nós mesmos percebamos que precisamos de ser salvos. E com esse olhar do Mestre divino começa o milagre da conversão do pecador. Com efeito, Jesus chama-o e chama-o pelo nome: “Zaqueu, desce depressa, pois hoje tenho de ficar em tua casa”. Não o censura, não lhe faz um “sermão”; diz-lhe que tem de ficar com ele: “tem”, porque é a vontade do Pai. Apesar do murmúrio do povo, Jesus escolheu ficar na casa daquele pecador público.<sup>63</sup>

## 7. Sacramento da Reconciliação: libertação e festa

Para o teólogo da Reconciliação Bernardino Leers, a celebração da reconciliação do homem com Deus é libertação do pecador de suas culpas e pecados e, ao mesmo tempo, é festa divina: “alegrai-vos comigo! Encontrei a minha ovelha que estava perdida!’ Eu vos digo: assim haverá no céu mais alegria por um só pecador que se converte, do que por noventa e nove justos que não precisam de conversão (Lc 15,1-7)”. Também na parábola da moeda perdida (Lc 15,8-10), a referência à alegria do reencontro: essa alegria manifesta a felicidade de Deus diante do pecador que volta. A parábola do

<sup>61</sup> JERÔNIMO, In Eccl. comm. 10, 11 (PL 23, 1096).

<sup>62</sup> FRANCISCO, PP., Discurso 52º Congresso Eucarístico Internacional Eslováquia, 12-15 set. 2021

<sup>63</sup> FRANCISCO, PP., Angelus, 03 nov. 2019.

filho pródigo (Lc 15,11-32) apresenta Deus como um pai que espera a volta do filho rebelde, cheio de compaixão corre ao seu encontro quando o avista, o abraça, o beija e que o faz entrar em sua casa e que faz um grande banquete para celebrar o reencontro.

Para Leers,

Jesus também reforma a noção da justiça pelo espírito da misericórdia e esperança, manifestadas em sua incrível capacidade de perdoar e fazer festa, abrindo assim um novo horizonte. As três parábolas que Lucas 15 dedica ao perdão de Deus encontram o que se perdeu e o que estava morto reassume a vida; e as três terminam em festa.<sup>64</sup>

Essa alegria também faz parte do Sacramento da Reconciliação como afirma o Papa Francisco: “a confissão é um sacramento da alegria, na verdade uma festa, no Céu e na terra Se Deus, se Ele é o protagonista, tudo se torna belo e a confissão se torna o Sacramento da alegria. Sim, da alegria: não do medo e do julgamento, mas da alegria.”<sup>65</sup>

Ainda conforme o pensamento de Leers,

A confissão é a celebração do encontro do Pai com o filho pródigo que volta; do Filho que, pela sua morte e ressurreição, abriu aos pecadores os canais do perdão e da misericórdia; do Espírito Santo que inspira a graça da conversão no penitente e dá-lhe a graça da reconciliação e da força para recomeçar a vida cristã.<sup>66</sup>

Pela comunicação com o ministro do perdão, o penitente tem a oportunidade de objetivar seu passado e dele tomar distância, que é o início da libertação.<sup>67</sup> “Na cruz vazia está pregada a conta anulada dos pecados, enquanto o penitente, absolvido pelo sinal da cruz, começa os primeiros passos de sua vida em liberdade (Mt 7,1-5)”<sup>68</sup>

O Papa Francisco ao destacar a alegria do pai da parábola do filho pródigo ao encontrar o filho que retorna afirma: “começamos pelo fim, ou seja, pela

<sup>64</sup> LEERS, B., Catástrofes naturais e solidariedade, p. 114.

<sup>65</sup> FRANCISCO, PP., Discurso 52º Congresso Eucarístico Internacional Eslováquia, 12-15 set. 2021.

<sup>66</sup> LEERS, B., O Ministério da Reconciliação, p. 73.

<sup>67</sup> LEERS, B., O Ministério da Reconciliação, p. 123.

<sup>68</sup> LEERS, B., Perfil do Ministro da Reconciliação Sacramental, p. 490.

alegria do coração do Pai, que diz: ‘façamos uma festa. Este meu filho estava morto e reviveu; estava perdido e foi encontrado’. Com estas palavras o pai interrompeu o filho mais jovem no momento em que confessa a sua culpa: ‘Já não sou digno de ser chamado teu filho...’<sup>69</sup> Deus se alegra, faz festa com cada filho e filha que pelo Sacramento da Reconciliação retorna para a casa do Pai. Por isso, a “penitência,” ou melhor, a “satisfação” que o sacerdote passa para o penitente perdoado, tem o caráter de reparação, mas também de gratidão, de festa e de alegria, porque Deus se alegra. É preciso transformar o confessional em uma sala de festa e de celebração. Afirma Garrido ao tratar das três parábolas da misericórdia narradas por Lucas:

O que está, portanto, em causa, nas três parábolas da misericórdia de Lucas, é a justificação da atitude de Jesus para com os pecadores reencontrados. Jesus deixa claro que a sua atitude se insere na lógica de Deus em relação aos filhos afastados. Deus não os rejeita, não os marginaliza, mas ama-os com amor de Pai. Preocupa-se com eles, vai ao seu encontro, solidariza-Se com eles, estabelece com eles laços de familiaridade, abraça-os com emoção, cuida deles com solicitude, alegra-Se e faz festa quando eles voltam à casa do Pai.<sup>70</sup>

O profeta Isaías afirma que “o Senhor... não se cansa nem perde as forças; Ele dá forças ao cansado e enche de vigor o fraco” (Is 40,30-31). Também, na passagem de Jonas (3,1-5.10), o seu segundo chamado para ir à cidade de Nínive e pregar a conversão, a primeira lição é a da universalidade do perdão de Deus. Deus ama todos os homens, sem exceção, e sobre todos quer derramar a sua bondade e a sua misericórdia. O diferencial é que Deus ama mesmo os maus, os injustos e opressores, e até a esses oferece a possibilidade de salvação. Deus não ama o pecado, mas ama os pecadores; Ele não quer a morte do pecador, mas que este se converta e viva (Ez 33,11).

A conversão imediata dos ninivitas nos indaga a pensarmos que aqueles que consideramos “maus” estão, às vezes, mais disponíveis para acolher os desafios de Deus e para escutar o seu chamamento, do que os “bons”. Os “bons” estão, tantas vezes, obstinados aos seus esquemas de vida, aos seus preconceitos, às suas certezas, que não escutam as propostas de Deus. Para Deus, o que é decisivo não é o passado de cada homem

<sup>69</sup> FRANCISCO, PP., Audiência Geral, 11 mai. 2016.

<sup>70</sup> GARRIDO, J. et al. Homilia 24º Domingo do Tempo Comum, 10 set. 2016.



ou mulher, mas a capacidade de cada um em deixar-se ser interpelado e questionado por Ele.

O convite realizado pela boca do profeta Joel: “diz o Senhor, voltai para mim com todo o vosso coração, com jejuns, lágrimas e gemidos; rasgai o coração, e não as vestes, voltai para o Senhor, vosso Deus; ele é benigno e compassivo, paciente e cheio de misericórdia, inclinado a perdoar o castigo” (Jl 2,12-13), confirma a insistência de Deus para que a humanidade volte para Ele. O apóstolo Paulo insiste: “deixai-vos reconciliar com Deus” (2Cor 5,20).

O ministro da reconciliação, ao pronunciar a fórmula da absolvição, como diz Leers, “a palavra do ministro eclesiástico ‘eu te absolvo’ é a palavra autorizada e o sinal eficiente do perdão de Deus pela mediação da Igreja,”<sup>71</sup> é um gesto de ternura e misericórdia. A imposição das mãos e as palavras de perdão são o “toque” de Deus no coração do penitente para libertá-lo, curá-lo e salvá-lo. No evangelho de Marcos (2,1-12), a cura do paralisado é a realização da salvação anunciada por Jesus. O reino de Deus está próximo, porque Deus decidiu oferecer o seu perdão aos homens. Esse perdão introduz o homem todo, corpo e espírito, na salvação oferecida pelo Deus da misericórdia; libertação que realiza a pessoa, a festa de quem se sente perdoado (salvo).

O ministro da reconciliação é o canal do perdão e da ternura de Deus. Ele deve, a exemplo do pai da parábola do filho pródigo, expressar aquilo que é próprio de Deus, o amor. Entender isso é refletir o que o Papa Francisco declara sobre a ação de Deus diante do filho mais novo quando retorna para a casa do pai:

Quanta ternura; viu-o de longe: o que significa isto? Que o pai subia continuamente ao terraço para perscrutar a estrada a ver se o filho voltava; aquele filho que tinha feito de tudo, mas o pai esperava-o. Como é bonita a ternura do Pai! A misericórdia do pai é transbordante, incondicional e manifesta-se ainda antes que o filho fale. Sem dúvida, o filho sabe que errou e reconhece-o: ‘Pequei... Trata-me como a um dos teus servos’. Mas estas palavras dissolvem-se diante do perdão do pai. O abraço e o beijo do seu pai levam-no a entender que foi sempre considerado filho, não obstante tudo. Este ensinamento de Jesus é importante: a nossa condição de filhos de Deus é fruto do amor do coração do Pai; não depende dos nossos méritos, nem dos nossos

<sup>71</sup> LEERS, B., *O Ministério da Reconciliação*, p. 138.

gestos, e, portanto, ninguém no-la pode tirar, nem sequer o diabo! Ninguém nos pode privar desta dignidade.<sup>72</sup>

O ministro da reconciliação, ao dar a absolvição, é o Pai que abraça o filho, o cobre de beijos e faz festa. Ele é o canal da graça e da felicidade de quem foi encontrado por Jesus que antes o procurava, como afirma o Papa Francisco:

No centro da narração da história de Zaqueu está o verbo procurar. Zaqueu “procurava ver quem era Jesus” e Jesus, após encontrá-lo, afirma: “O Filho do Homem veio procurar e salvar o que estava perdido”. E assim faz o nosso Deus Pai, assim faz Jesus. Não existe uma pessoa que não tenha algo de bom. E Deus olha para isto, para o tirar do mal. O olhar de Jesus vai além dos pecados e dos preconceitos; ele vê a pessoa com os olhos de Deus, que não se detém no mal passado, mas entrevê o bem futuro; Jesus não se resigna aos fechamentos, mas sempre abre, sempre abre novos espaços de vida; não se detém nas aparências, mas olha para o coração.<sup>73</sup>

O poder de Deus, do perdão e da cura, manifestado em Jesus, transforma integralmente o paralítico, que recupera as forças para carregar a cama e prosseguir, “levanta-te, pega a tua cama e vai para tua casa” (Mc 2,11). O homem, redimido pelo poder de Deus em Jesus Cristo, torna-se capaz de viver de acordo com a sua nova condição. A chave do milagre está nas palavras: “vendo Jesus a fé deles, disse ao paralítico: filho, tem confiança, os teus pecados estão perdoados” (Mc 2,2).

Conforme diz o Papa Francisco, é preciso

Ter esperança naquela reconciliação a que nos exorta apaixonadamente São Paulo: ‘Reconciliai-vos com Deus’ (2Cor 5,20). Recebendo o perdão no Sacramento que está no centro do nosso processo de conversão, tornamo-nos, por nossa vez, propagadores do perdão: tendo-o recebido nós próprios, podemos oferecê-lo através da capacidade de viver um diálogo solícito e adotando um comportamento que conforta quem está ferido. O perdão de Deus, através também das nossas palavras e gestos, possibilita viver uma Páscoa de fraternidade.<sup>74</sup>

<sup>72</sup> FRANCISCO, PP., Audiência Geral, 11 mai. 2016.

<sup>73</sup> FRANCISCO, PP., Angelus, 30 out. 2016.

<sup>74</sup> FRANCISCO, PP., Mensagem para a quaresma de 2021, 11 nov. 2020.

Segundo o teólogo Leers, “o pecado está condicionado pelo coração de cada pessoa de modo que, mais aprofundamos na fé, os santos não tiveram dificuldade de se acharem realmente os maiores pecadores, porque a sombra depende da força ou fraqueza da luz”.<sup>75</sup>

Deus é totalmente outro, também na prática do perdão. Para Ele não existe um livro de contabilidade com ganhos e débitos, nem uma caixa de lixo que fica cheirando mal, nem um cemitério triste e abandonado. Sua força criativa sempre dá vida nova sem mancha ou pena. O que Ele joga para trás some, desaparece porque Ele não olha para trás e fica de frente para atrair, iluminar o caminho e seduzir seus filhos e filhas. É radicalidade de perdão sem memória do passado, sem ressentimento ou manter distância ou acanhamento.<sup>76</sup>

**Confessar os próprios pecados é estar em harmonia com Deus, é reconciliar-se com Deus, pois, como diz Leers,**

[É] Deus que extingue as culpas de ontem, graves ou pequenas, a fim de o cristão continuar a correr no estádio da vida, esquecendo o que ficar para trás, fixando os olhos firmemente na meta final e esforçando-se para receber o prêmio a que Deus o chamou no alto, em Cristo Jesus (Fl 3,12-14). (...) O Sacramento da Reconciliação significa libertação para frente, abertura da prisão, nova oportunidade de construir sua vida, endireitar sua vida para o alvo.<sup>77</sup>

O Papa Francisco ao comentar o Evangelho da parábola do filho pródigo, ensina-nos que todos temos necessidade de entrar na casa do Pai e participar da sua alegria, na festa da misericórdia e da fraternidade.”<sup>78</sup> Portanto, o confessionário é o lugar de celebrar a festa da libertação e da alegria. “Pela morte e ressurreição de Seu Filho, Deus nos reconcilia sempre de novo consigo. A morte do pecador não Lhe interessa, mas sim que ele viva e se recupere no hospital do perdão e a boa alimentação da Eucaristia, celebrada na comunidade com irmãos e irmãs.”<sup>79</sup>

<sup>75</sup> LEERS, B., Perfil do Ministro da Reconciliação Sacramental, p. 480.

<sup>76</sup> LEERS, B., Reconciliação na prática, p. 150-151.

<sup>77</sup> LEERS, B., O sacramento da reconciliação: um século, p. 318-9.

<sup>78</sup> FRANCISCO, PP., Audiência Geral, 11 mai. 2016.

<sup>79</sup> LEERS, B., Reconciliação na prática, p. 151.

## Conclusão

Segundo o teólogo Bernardino Leers, “a ponte de reconciliação humana se constrói por um processo histórico, muitas vezes longo, de desarmamento dos espíritos, de reconhecimento dos erros cometidos, de entendimento mútuo, de sinceridade, de vontade de mudar suas próprias posições tomadas, de aproximação, de reconhecimento de que somos todos irmãos da mesma família humana.”<sup>80</sup>

Os escritos de Leers repetem, de modo emblemático, o que marcou fortemente bispos e teólogos latino-americanos, por ocasião das Assembleias dos Bispos: para os pobres, os miseráveis. A Igreja se apresenta como é e como quer ser, como Igreja do “rosto do Pai”, da misericórdia de Deus. Teólogos como Bernardino Leers assumiriam esse rosto da Igreja como mandato profético, como missão pessoal e tarefa irrenunciável da reflexão teológica. Identificamos, na teologia de Leers, uma das grandes motivações do pensar teológico do Ministério da Reconciliação: pensar o Sacramento da Reconciliação a partir da “Igreja da misericórdia,” “Igreja para os miseráveis.” O poder e a vontade da Igreja são perdoar, buscar e achar a ovelha extraviada, procurar e encontrar a moeda perdida e dar a paz aos seus penitentes; somente o próprio pecador é capaz de tornar todo esforço em vão, por causa da dureza de seu coração.<sup>81</sup>

Quando o confessor ou o penitente se preocupa de modo quase exclusivo com a objetividade normativa das listas dos exames de consciência, perde-se o que é humano, em prejuízo do próprio penitente. “No confessionário, não há um acusado que talvez não tenha culpa, mas um culpado que se acusa; não há inquisidor, mas o intermediário do perdão de Deus; não há juiz que condena, mas reconciliador que liberta o penitente de suas culpas e o aceita e anima com a tranquilidade de Deus.”<sup>82</sup>

No episódio narrado por Lucas (7,36-50), o problema do fariseu era: “se este homem fosse profeta, saberia quem é e de que espécie é a mulher que lhe está a tocar, porque é uma pecadora!” (v.39). Ora, Jesus não reconheceu na mulher apenas “uma pecadora,” reconheceu nela “uma pecadora perdoada,” ao verificar o seu grande amor. Antes há o perdão de Deus, que nos faz compreender o seu infinito amor e suscita a resposta do nosso amor. O Senhor vem para nos libertar e de novo nos dar vida precisamente nas situações que

<sup>80</sup> LEERS, B., O Ministério da Reconciliação, p. 14.

<sup>81</sup> LEERS, B., O Ministério da Reconciliação, p. 139.

<sup>82</sup> LEERS, B., O Ministério da Reconciliação, p. 68.

parecem irresgatáveis, sem via de saída. Assim, não há lugar que Deus não queira visitar.<sup>83</sup>

Os escritos do teólogo Bernardino Leers são certos ao legitimar e enquadrar teologicamente o Sacramento da Penitência dentro da “economia da misericórdia divina” e a libertação, teologicamente, evitando qualquer tipo de legalismo ou ritualismo: “o Sacramento da Reconciliação não é magia que passa por cima das condições da pessoa, mas uma força nova que entra na história do penitente e ajuda a prosseguir nela.”<sup>84</sup> Quando isto acontece, o confessor se torna epifania a mais do amor sem medidas que Deus manifesta aos seus filhos.

Assim como a teologia de Leers, também a do Papa Francisco, sem contradizer ou negar a teologia do Sacramento da Penitência, é o anúncio de misericórdia, discernimento das realidades de vida que atingem diretamente a pessoa, de modo particular os pecadores, levando cada cristão, no contato com a misericórdia divina, a discernir, com retidão de consciência, por uma vida em conformidade com a vontade de Deus.

Podemos dizer que os ensinamentos do Papa Francisco estão estruturados no conjunto e nas partes a partir da distinção entre lei e misericórdia, o que se aplica também ao Sacramento da Reconciliação, tendo como parâmetro teológico o imperativo da misericórdia; numa palavra, antes da lei, a misericórdia. Na interpretação da lei, a misericórdia. Na aplicação da lei, a misericórdia. Em todo momento, a misericórdia, caminho permanente a ser percorrido entre a lei e a vida, o pecado e o perdão. Como afirmamos anteriormente, o verdadeiro poder do Sacramento da Reconciliação não está na força da lei ou do rito, e sim na misericórdia e na reconciliação.

Na parábola do fariseu e o publicano no templo (Lc 18,9-14), o comentário final de Jesus indica que o publicano se reconciliou com Deus, a expressão utilizada é “desceu justificado para sua casa, ” o que nos reporta à doutrina paulina da justificação, ou seja, apesar de o homem viver mergulhado no pecado, Deus, na sua misericórdia infinita e sem que o homem tenha méritos, salva-o. A justificação, a reconciliação é a ação de Deus em nós tendo em vista a nossa salvação.

O Batismo é o ponto de partida da conversão de toda a vida. É ele que permanece o sinal fundamental da existência cristã. É ele que, primeiramente,

<sup>83</sup> FRANCISCO PP., Mensagem para a quaresma de 2021.

<sup>84</sup> LEERS, B., O Ministério da Reconciliação, p. 170.

remete a nossa fé à “remissão dos pecados. ” É na sua graça inicial que está enraizada a árvore que nós somos e da qual o Senhor tem o direito de esperar bons frutos. O Sacramento da Reconciliação vem como segundo Batismo, ou melhor, como “batismo laborioso. ” O Sacramento da Reconciliação não pode deixar de nos remeter ao nosso estado de batizados, o estado de graça, para fortalecê-lo, desenvolvê-lo e, quando necessário, renová-lo. Afirma o Catecismo da Igreja Católica:

É pelo Sacramento da Penitência que o batizado pode ser reconciliado com Deus e com a Igreja: os Santos Padres tiveram razão quando chamaram a Penitência um ‘batismo laborioso’ (São Gregório Nanzianzeno). Este sacramento da Penitência é necessário para a salvação daqueles que caíram depois do Batismo, tal como o próprio Batismo o é para os que ainda não foram regenerados (Concílio de Trento).<sup>85</sup>

Renovar o Batismo sob a forma penitencial é despir-se do homem velho e revestir-se do homem novo (Ef 4,24),<sup>86</sup> afirma Leers. O Papa Francisco também nos ensina:

O Sacramento da Penitência ou Confissão é como um “segundo batismo, ” que se refere sempre ao primeiro, para o consolidar e renovar. Neste sentido, o dia do nosso Batismo é o ponto de partida de um caminho extremamente bonito, um caminho rumo a Deus que dura a vida inteira, um caminho de conversão que é continuamente fortalecido pelo Sacramento da Penitência. Pensai nisto: quando vamos confessar-nos das nossas debilidades, dos nossos pecados, vamos pedir o perdão de Jesus, mas vamos também renovar o Batismo com este perdão. E isto é bom, é como festejar o dia do Batismo em cada Confissão. Portanto, a Confissão não é uma sessão numa sala de torturas, mas é uma festa. A Confissão é para os batizados, para manter limpa a veste branca da nossa dignidade cristã!<sup>87</sup>

Para o Papa Francisco, “o *querigma* é trinitário. É o fogo do Espírito que se dá sob a forma de línguas e nos faz crer em Jesus Cristo, que, com a sua morte e ressurreição, nos revela e comunica a misericórdia infinita do Pai.”<sup>88</sup>

<sup>85</sup> CEC 980.

<sup>86</sup> LEERS, B., O Ministério da Reconciliação, p. 103.

<sup>87</sup> FRANCISCO, PP., Audiência geral, 13 nov. 2013.

<sup>88</sup> EG 164.

Conforme a carta encíclica *Dives in misericórdia* de João Paulo II, a paixão, morte e ressurreição de Jesus,

O mistério pascal é o ponto culminante da revelação e atuação da misericórdia, capaz de justificar o homem, e de restabelecer a justiça como realização do desígnio salvífico que Deus, desde o princípio, tinha querido realizar no homem e, por meio do homem, no mundo, Cristo, ao sofrer, interpela todo e cada homem e não apenas o homem crente. Até o homem que não crê poderá descobrir nele a eloquência da solidariedade com o destino humano, bem como a harmoniosa plenitude da dedicação desinteressada à causa do homem, à verdade e ao amor.<sup>89</sup>

Para o teólogo Leers, a graça da reconciliação, da parte do Deus do perdão, é o início, o centro e o fim do evento todo (Sacramento da Reconciliação); disto resulta a necessidade de uma catequese que muda a linguagem popular que se acostumou a dizer “vou contar meus pecados para o padre, ” “sacramento da confissão, ” para “Reconciliação. ” A graça da reconciliação, no sentido evangélico, significa mudar (*metanoia*) de pensamento, ou seja, ter os mesmos pensamentos de Deus; significa mudar a mente para pensar como Deus pensa e age. Significa “voltar o coração para Deus”.

Concluimos que, para o Papa Francisco como para o teólogo Bernardino Leers, a reconciliação com Deus restaura a pessoa, no entanto, não se limita apenas a curar aquele que é restabelecido na comunhão eclesial, mas também exerce um efeito vivificante sobre a vida da pessoa, renova a consciência, promove a verdadeira conversão. Para Leers, “a renovação da prática penitencial se enquadra na nova mentalidade eclesial, caracterizada pela capacidade de se mudar, de se transformar (a atitude clássica da *metanoia*) e pela elasticidade criativa que, além da adaptação, projeta, experimenta e realiza formas de vida, novas e diversas”;<sup>90</sup> e, para o Papa Francisco, “a verdadeira conversão acontece na medida em que nos abrimos à beleza, à bondade, à ternura de Deus”.<sup>91</sup> Portanto, a cada renovação da prática penitencial é um abrir-se à bondade e ternura do Deus amor.

A interioridade e a exterioridade/visibilidade da reconciliação mostrarão seus frutos nas mudanças das condições de vida: “não existe árvore boa que

<sup>89</sup> DM 7.

<sup>90</sup> LEERS, B., A renovação da praxe penitencial da Igreja, p. 475.

<sup>91</sup> FRANCISCO, PP., Angelus, 06 dez. 2020.

dê frutos ruins nem árvore ruim que dê frutos bons. Toda árvore é reconhecida pelos seus frutos” (Lc 6,43).

## Referências bibliográficas

BEUTLER, J. **Il Vangelo di Giovanni**. Roma: Gregorian & Biblical Press, 2016.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Petrópolis: Vozes, 1997.

COELHO, M. M. **A misericórdia de Deus que alcança a miséria humana**. Cachoeira Paulista: Ed Canção Nova, 2016.

COMISSÃO EPISCOPAL DE LITURGIA DO BRASIL. Oração Eucarística VII, sobre Reconciliação I. In: SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. **Missal Romano**. São Paulo: Paulus, 2008. p. 866-870.

COMISSÃO EPISCOPAL DE LITURGIA DO BRASIL. Oração Eucarística VI-D, para diversas circunstâncias. In: SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. **Missal Romano**. São Paulo: Paulus, 2008. p. 860-865.

DENZINGER, H. **Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral**. Traduzido com base na 40ª edição alemã (2005), aos cuidados de Peter Hünermann. São Paulo: Paulinas: Loyola, 2007.

FRANCISCO, PP., **Audiência Geral, 13 nov. 2013**. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2013/documents/papa-francesco\\_20131113\\_udienza-generale.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2013/documents/papa-francesco_20131113_udienza-generale.html)>. Acesso em 21 out. 2022.

FRANCISCO, PP., **Bula de Proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia. *Misericordiae Vultus*, 11 abr. 2015**. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_letters/documents/papa-francesco\\_bolla\\_20150411\\_misericordiae-vultus.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_letters/documents/papa-francesco_bolla_20150411_misericordiae-vultus.html)>. Acesso em: 03 nov. 2022.

FRANCISCO, PP. **Angelus. IV Domingo de Quaresma, 15 mar. 2015**. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2015/documents/papa-francesco\\_angelus\\_20150315.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2015/documents/papa-francesco_angelus_20150315.html)>. Acesso em: 16 nov. 2021.

FRANCISCO, PP. **Discurso do Papa Francisco aos participantes do curso sobre o foro interno promovido pela Penitenciaria Apostólica, 04 mar. 2016**. Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2018->







03/vaticano-penitenciaria-apostolica-curso-de-foro-interno-confissa.html>. Acesso em: 22 set. 2021.

FRANCISCO, PP., **Angelus. IV Domingo de Quaresma, 06 mar. 2016.** Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2016/documents/papa-francesco\\_angelus\\_20160306.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2016/documents/papa-francesco_angelus_20160306.html)>. Acesso em: 27 out. 2022.

FRANCISCO, PP., **Audiência Geral, 11 mai. 2016.** Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2016/documents/papa-francesco\\_20160511\\_udienza-generale.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2016/documents/papa-francesco_20160511_udienza-generale.html)>. Acesso em: 27 out. 2022.

FRANCISCO, PP., **Angelus, 30 out. 2016.** Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2016/documents/papa-francesco\\_angelus\\_20161030.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2016/documents/papa-francesco_angelus_20161030.html)>. Acesso em: 05 nov. 2022.

FRANCISCO, PP. **Discurso do Papa Francisco aos participantes no XXVIII curso sobre o foro interno organizado pela Penitenciaria Apostólica, 17 mar. 2017.** Disponível em: <[https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/march/documents/papa-francesco\\_20170317\\_corso-foro-interno.html](https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/march/documents/papa-francesco_20170317_corso-foro-interno.html)>. Acesso em: 23 set. 2021.

FRANCISCO, PP. **Audiência Geral, 21 mar. 2018.** Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2018-04/papa-francesco-santa-missa-catequese-audiencia-geral.html>>. Acesso em: 22 set. 2021.

FRANCISCO, PP., **Angelus, 03 nov. 2019.** Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2019/documents/papa-francesco\\_angelus\\_20191103.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2019/documents/papa-francesco_angelus_20191103.html)>. Acesso em: 05 nov. 2022.

FRANCISCO, PP., **Angelus, 06 dez. 2020.** Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2020/documents/papa-francesco\\_angelus\\_20201206.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2020/documents/papa-francesco_angelus_20201206.html)>. Acesso em: 19 out. 2022.

FRANCISCO, PP., **Discurso aos sacerdotes do internado São Luís dos Franceses, Roma, 07 jun. 2021.** Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2021/june/documents/papa-francesco\\_20210607\\_sacerdoti-sanluigi-deifrancesi.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2021/june/documents/papa-francesco_20210607_sacerdoti-sanluigi-deifrancesi.html)>. Acesso em: 21 out. 2022.

FRANCISCO, PP. **Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*: Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual.** São Paulo: Loyola/Paulus, 2013.

FRANCISCO, PP., **Discurso 52º Congresso Eucarístico Internacional Eslováquia, 12-15 set. 2021.** Disponível em: <<https://www.vatican.va/content/>



francesco/pt/speeches/2021/september/documents/20210914-kosice-giovani.html>. Acesso em: 05 nov. 2022.

FRANCISCO, PP., **Homilia Solenidade conversão de São Paulo Apóstolo, 25 jan. 2022**. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2022/documents/20220125\\_vespri-unitacristiani.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2022/documents/20220125_vespri-unitacristiani.html)>. Acesso em: 19 out. 2022.

FRANCISCO, PP., **Angelus**, 30 out. 2022. Disponível em: <<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2022/documents/20221030-angelus.html>>. Acesso em 05 nov. 2022.

FRANCISCO, PP. **Meditazione mattutina nella Cappella dela *Domus Sanctae Marthae*. Io avrò cura di te, 05 fev. 2015**. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/francesco/it/cotidie/2015/documents/papa-francesco-cotidie\\_20150205\\_io-avro-cura-di-te.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/it/cotidie/2015/documents/papa-francesco-cotidie_20150205_io-avro-cura-di-te.html)>. Acesso em: 22 set. 2021.

FRANCISCO, PP., **Mensagem para a quaresma de 2021, 11 nov. 2020**. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/lent/documents/papa-francesco\\_20201111\\_messaggio-quaresima2021.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/lent/documents/papa-francesco_20201111_messaggio-quaresima2021.html)>. Acesso em: 19 out. 2022.

GARRIDO, J. et al. **Homilia 24º Domingo do Tempo Comum – Ano C, 10 set. 2016**. Disponível em: <<https://www.dehonianos.org/porta/dia-liturgia/24o-domingo-do-tempo-comum-ano-c/>>. Acesso em: 29 jul. 2022.

GIOVANNI XXIII, PP. **Il giornale dell'anima e altri scritti di pietà**, San Paolo: Cinisello B. 1989.

IRINEU DE LIÃO. **Adversus haereses**. São Paulo: Paulus, 1995.

JERÔNIMO. Commentarius in Ecclesiasten. In: MIGNE, J.-P. Patrologia. Series Latina. Paris: Petit Montrouge, 1845. t. XXIII. p.1109-1116.

JOÃO PAULO II, PP. **Carta Encíclica *Redemptor Hominis***. São Paulo: Loyola, 1979.

JOÃO PAULO II, PP. **Carta Encíclica *Dives in misericordia* sobre a misericórdia divina**. São Paulo: Paulinas, 1998.

LEERS, B. A confissão específica dos pecados e a renovação do sacramento da penitência. **Atualização**, v. 1, n. 2, p. 1-14. 1970.

LEERS, B. Perfil do Ministro da Reconciliação Sacramental. **REB - Revista Eclesiástica Brasileira**, v. 44, n. 175, p. 477-500. 1984.

LEERS, B. **O Ministério da Reconciliação**: uma ética profissional para confessores. Vozes, 1988.

LEERS, B. A consciência ética e o Espírito Santo. **Convergência**, Rio de Janeiro, v. 33, n. 311, p. 155-165. 1988.

LEERS, B. Reconciliação na prática. **Convergência**, v. 34, n. 321, p. 149-59. 1999.

LEERS, B. Catástrofes naturais e solidariedade. **Horizonte Teológico**, v. 5, n. 9, p. 107-32. 2006.

LEERS, B. A renovação da praxe penitencial da Igreja. **Atualização**, v.40, n. 340, p.475-88. 2009.

MOSER, A. **Teologia moral**: questões vitais. Vozes, 2004.

VIDAL, M. **Nova moral fundamental**: o lar teológico da Ética. Aparecida/São Paulo: Santuário/Paulinas, 2003.

**Mário Marcelo Coelho**

Doutor em Teologia Moral pela Academia Alfonsiana de Roma – Itália

Docente do Curso de Teologia da Faculdade Dehoniana

Taubaté / SP – Brasil

E-mail: mariomarcelo@gmail.com

Recebido em: 12/07/2022

Aprovado em: 22/11/2022